



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE



CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 24/08/2020



OMS elogia resposta de Portugal à Covid-19 e nota melhora da situação no Brasil

A Organização Mundial da Saúde, OMS, destacou a situação da Covid-19 em alguns países incluindo Portugal e do Brasil. As menções ocorreram durante o mais recente informe da agência a jornalistas na sexta-feira, em Genebra.

Segundo a OMS, mais de 22,5 milhões de casos do novo coronavírus foram notificados e pelo menos 788,5 mil mortes.

O diretor-geral da agência, Tedros Ghebreyesus realçou exemplos de países marcados por uma “recuperação saudável” após a pandemia, e que estão agindo para proteger vidas, meios de subsistência e o planeta.

O chefe da OMS sublinhou que Portugal anunciou que abolirá o uso de carvão já no próximo ano. O país reportou duas mortes entre os 253 casos relatados nas últimas 24 horas. No total, 1.786 pessoas morreram de um total de 54.701 casos em Portugal.

Tedros realçou que o progresso não significa vitória e que “a maioria das pessoas permanece suscetível a esse vírus.” A recomendação aos países é que identifiquem e previnam focos de infecção rapidamente, para evitar a transmissão comunitária e a possibilidade de novas restrições.

Ao ser perguntado sobre o Brasil, o diretor do Programa de Emergências da OMS, Mike Ryan, disse que “a situação se estabilizou um pouco”, em termos do número de infecções detectadas por semana. O país é o terceiro com o maior número de casos em nível global: 3.456.652 e 111.100 casos fatais.

Brasil

Ryan disse haver uma estabilização no aumento de casos, mas que ainda há um número muito alto, na ordem de 50 mil a 60 mil por dia, e um grande registro de mortes. O mérito para isso é atribuído a “trabalhadores da saúde e comunidades do Brasil, por tomarem as ações necessárias para estabilizar a situação”.



O médico destacou que as unidades de terapia intensiva em todo o Brasil estão sob menor pressão do que antes e houve uma redução da incidência semanal em muitas das regiões nacionais.

Para o diretor do Programa de Emergências da OMS, a questão é se “isso pode ser continuado”. Existe “uma tendência clara” de queda de casos em muitas partes, mas também áreas onde a doença é prevalente e instável em termos de transmissão no Brasil.

Transmissão

A OMS afirma que a situação vem melhorando, mas agora requer uma abordagem maior e concentrada em reduzir a transmissão e continuar protegendo o sistema de saúde.

Ryan lembrou que o Brasil é “muito grande” em termos de dimensão e que existem áreas que carecem de experiência em lidar com a situação.

Mas destacou que ainda há muito a fazer, que o sistema de saúde continua lidando com uma situação de altas taxas de positividade do que deveriam e se está perante um padrão que pode ser contornado e reduzido “nas próximas semanas”.

FONTE:https://news.un.org/pt/story/2020/08/1724052?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=d11633d45c-

EMAIL_CAMPAIGN_2020_08_22_12_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-d11633d45c-105027597



Seguro de volta à escola: um guia do praticante

A pandemia global COVID-19 levou a níveis sem precedentes de interrupção da educação, afetando mais de 90% da população estudantil mundial: 1,54 bilhão de crianças, incluindo 743 milhões de meninas. O fechamento de escolas e os impactos socioeconômicos mais amplos da COVID-19 nas comunidades e na sociedade também perturbam os sistemas normais de apoio de crianças e jovens, deixando-os mais vulneráveis a doenças e riscos de proteção infantil, como castigo físico e humilhante, violência sexual e de gênero, casamento infantil, trabalho infantil, tráfico e recrutamento de crianças e uso em conflitos armados. Meninas e outros grupos marginalizados, especialmente aqueles em ambientes deslocados, são particularmente afetados.

Enquanto os governos se preparam para reabrir escolas e outros locais de aprendizagem, ministérios e comunidades escolares devem minimizar o risco de transmissão de COVID-19 dentro de espaços de aprendizagem e abordar as desigualdades de aprendizagem e preocupações de proteção exacerbadas pelo fechamento de escolas COVID-19, especialmente para meninas e outros marginalizados grupos. As lições aprendidas com o fechamento de escolas COVID-19 devem informar desastres e preparação para emergências para surtos futuros de COVID-19 ao lado de outros perigos contextualmente específicos que podem comprometer ainda mais os direitos das crianças de aprender, estar seguras e sobreviver. O processo de reabertura da escola oferece uma oportunidade multissetorial única para governos e comunidades escolares reconstruírem melhor, abordar as desigualdades de gênero e fortalecer a resiliência do sistema educacional.

FONTE: <https://aseansafeschoolsinitiative.org/wp-content/uploads/2020/08/Safe-Back-to-School-English-8-July.pdf>



Orientação para prevenção e controle COVID-19 nas escolas - março de 2020

A Organização Mundial da Saúde (OMS) avaliou que o COVID-19 (coronavírus) pode ser caracterizado como uma pandemia e que o vírus já se espalhou para muitos países e territórios. Embora muito ainda se desconheça sobre o vírus causador do COVID-19, o que se sabe é que ele é transmitido pelo contato direto com gotículas respiratórias de uma pessoa infectada (geradas por tosse e espirro). Os indivíduos também podem ser

infectados ao tocar em superfícies contaminadas com o vírus e tocando seu rosto (por exemplo, olhos, nariz, boca). Enquanto o COVID-19 continua a se espalhar, é importante que as comunidades tomem medidas para prevenir a transmissão, reduzir os impactos do surto e apoiar medidas de controle.

A proteção das crianças e das instalações educacionais é particularmente importante. São necessárias precauções para evitar a disseminação potencial de COVID-19 em ambientes escolares; no entanto, deve-se tomar cuidado para evitar estigmatizar alunos e funcionários que possam ter sido expostos ao vírus. É importante lembrar que COVID-19 não faz distinção entre fronteiras, etnias, status de deficiência, idade ou sexo. Os ambientes de educação devem continuar a ser ambientes acolhedores, respeitosos, inclusivos e de apoio a todos. As medidas tomadas pelas escolas podem prevenir a entrada e propagação do COVID-19 por alunos e funcionários que possam ter sido expostos ao vírus, ao mesmo tempo que minimizam a interrupção e protegem alunos e funcionários da discriminação.

FONTE: https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/school_guidance_covid19_march2020_graphic_design_english.pdf



Desvendando o impacto do COVID-19 nas crianças mais vulneráveis da Ásia

O mundo está enfrentando uma crise econômica e de saúde global como nenhuma outra, desde a segunda guerra mundial - uma que está matando pessoas, espalhando o sofrimento humano e virando a vida das pessoas de cabeça para baixo. Mas isso é muito mais do que uma crise de saúde. É uma crise humanitária, e as crianças da Ásia, especialmente as mais vulneráveis, estão à beira de uma fome severa, aumento de doenças e riscos de segurança física e emocional. A doença do coronavírus (COVID-19) está deixando as sociedades de joelhos, paralisando seu núcleo.

Este relatório fornece recomendações importantes para governos, agências de cooperação internacional e parceiros multilaterais e de implementação para abordar e responder, em nível nacional e local, às necessidades socioeconômicas urgentes de crianças vulneráveis, suas famílias e suas comunidades. Os governos são chamados a focar e investir nas famílias das crianças mais vulneráveis, garantindo o acesso aos serviços de saúde e proteção infantil, nutrição, educação e recursos financeiros. Agências internacionais e doadores institucionais são chamados a investir e alavancar respostas baseadas na fé e programas de recuperação econômica que colocam capital inicial em famílias vulneráveis (HHs). Os parceiros de implementação são incentivados a contribuir para reconstruir a resiliência de HH e fornecer apoio psicossocial.

FONTE: https://aseansafeschoolsinitiative.org/wp-content/uploads/2020/07/W510-0006-001_UNMASKING_THE_IMPACT_of_COVID-19_on_Aσίας_Most_Vulnerable_Children.pdf



Avaliando os riscos: Fechamento e reabertura de escolas no COVID-19

Em um esforço para evitar a transmissão do Covid-19, governos em todo o mundo fecharam escolas. O fechamento de escolas está afetando negativamente o bem-estar de crianças e jovens e, em alguns contextos, pode não estar efetivamente reduzindo a transmissão. O INEE e a Aliança apelam aos formuladores de políticas para:

- Considerar os impactos do fechamento de escolas nos resultados de educação e proteção de crianças e jovens;
- Equilibre esses impactos com uma análise considerada dos impactos na saúde; e
- Tome decisões informadas e centradas na criança sobre quando e por que reabrir as escolas.

FONTE: https://www.alliancecpha.org/en/system/tdf/library/attachments/cpha-eie_policy_paper_v1.0_en_lowres.pdf?file=1&type=node&id=39405



Os motoristas do COVID-19 permanecem em casa. Preocupações epidemiológicas, econômicas ou políticas?

Que fatores afetaram se um governador de estado dos EUA emitiu ou não uma ordem de permanência em casa em todo o estado em resposta à pandemia de COVID-19 no início de 2020? Depois de emitida, quais fatores afetaram a duração deste pedido de permanência em casa? Usando a análise de duração, testamos uma série de fatores epidemiológicos, econômicos e políticos quanto ao seu impacto na decisão de um governador estadual de emitir e encerrar ordens gerais de permanência em casa nos 50 estados dos EUA.

Os resultados indicam que, embora as variáveis epidemiológicas e econômicas tenham algum impacto no atraso para o início e na duração das ordens de permanência em casa, os fatores políticos dominaram tanto o início quanto a duração final das ordens de permanência em casa nos Estados Unidos.

Embora estudos anteriores tenham constatado que a ideologia domina na tomada de decisões políticas relacionadas a pandemias, os autores encontram um resultado mais matizado que a ideologia pode certamente dominar (e, neste caso, o fez pelo tamanho e consistência da importância da filiação partidária de um governador, em particular) , mas que fatores científicos e econômicos podem ser incluídos nessas decisões de política relacionadas à iniciação e suspensão de pedidos de permanência em casa também.

FONTE:<https://link.springer.com/article/10.1007/s41885-020-00073-0>



ScienceDirect

Ferramenta de avaliação de risco COVID-19: dupla aplicação de comunicação de risco e governança de risco

A consciência do risco é a melhor forma de prevenir e retardar a transmissão da pandemia COVID-19 e é alcançada por meio da comunicação da avaliação de risco. A comunicação de risco eficaz também é uma medida importante para controlar infodemias. A maioria das ferramentas de avaliação de risco se concentra no rastreamento dos pacientes afetados ou no diagnóstico de uma provável condição de saúde por meio de seus sintomas.

A Resilience Innovation Knowledge Academy (RIKA) na Índia introduziu uma ferramenta inovadora de avaliação de risco que vai além da detecção de sintomas e rastreamento de pacientes. Inclui quatro fatores na avaliação de risco:

1. Saúde;
2. Comportamento;
3. Exposição; e
4. Política social.

Cada um desses quatro fatores possui subfatores que ajudam a avaliar o risco global de uma forma mais abrangente e também a apresentam ao usuário de forma simplificada. Este artigo discute a importância da ferramenta de avaliação de risco da RIKA para a geração de consciência e tomada de decisão. Além disso, os conjuntos de dados gerados por meio da ferramenta foram analisados para compreender as principais áreas de intervenção para a resposta e gestão do COVID-19.

FONTE:<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2590061720300466?via%3Dihub>



Centers for Disease Control and Prevention
CDC 24/7: Saving Lives, Protecting People™

Disparidades raciais e étnicas entre casos de COVID-19 em surtos no local de trabalho por setor industrial - Utah

Uma melhor compreensão da distribuição geral de surtos de doença coronavírus no local de trabalho de 2019 (COVID-19) pelo setor industrial poderia ajudar a direcionar ações de saúde pública direcionadas. Neste relatório, o Departamento de Saúde de Utah (UDOH) analisou os dados de vigilância COVID-19 para descrever surtos no local de trabalho por setores da indústria.

As disparidades raciais e étnicas em casos de COVID-19 associados a surtos no local de trabalho encontrados em Utah e identificados em surtos em instalações de processamento de carnes em outros estados demonstram um risco desproporcional para COVID-19. Essas disparidades podem ser causadas, em parte, por iniquidades sociais e de saúde de longa data, resultando na super-representação de trabalhadores hispânicos e não brancos em ocupações de linha de frente, onde o risco de exposição ao SARS-CoV-2 pode ser maior do que o associado ao serviço remoto ou não direto trabalhos.

Este documento também relata que os trabalhadores hispânicos e não-brancos têm horários de trabalho menos flexíveis e menos opções de teletrabalho em comparação com os trabalhadores brancos e não-hispânicos. A falta de flexibilidade no trabalho, a falta de opções de teletrabalho e políticas de licença médica punitiva ou não remunerada podem impedir que os trabalhadores fiquem em casa e procurem atendimento quando estiverem doentes, resultando em mais exposições no local de trabalho, atrasos no tratamento e resultados de COVID-19 mais graves.

O relatório conclui que deve-se ter cuidado para garantir que as estratégias de prevenção e mitigação sejam aplicadas de forma equitativa e eficaz, usando materiais, mídia e mensagens cultural e linguisticamente responsivas para trabalhadores de grupos de minorias raciais e étnicas desproporcionalmente afetados pelo COVID-19.

FONTE: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/wr/pdfs/mm6933e3-H.pdf>



O que Covid-19 ensina à Índia sobre gestão de desastres

Terminal de ônibus Anand Vihar, repleto de milhares de trabalhadores. Durante seu discurso na noite de 22 de março, Modi mencionou que havia planos para manter abertos os serviços essenciais, mas os detalhes desses planos não foram revelados. Os detalhes foram fornecidos online mais tarde, por meio de avisos, embora a situação pareça diferir de estado para estado.

Quando as fronteiras estaduais foram fechadas e os ônibus e trens pararam, cidades como Delhi testemunharam o que o Wall Street Journal chamou de êxodo de trabalhadores migrantes. Deixados sem trabalho, salário ou abrigo pelo bloqueio, esses trabalhadores foram forçados a caminhar centenas de quilômetros para chegar às suas aldeias nativas. Outros viajaram em ônibus lotados para chegar às suas cidades natais.

Devido à fome e às dificuldades que as medidas de combate à pandemia COVID-19 criaram, a situação deveria, com razão, ter sido tratada como um desastre. Estimativas do governo sugerem que mais de 300.000 trabalhadores tiveram que ignorar a ordem de bloqueio na tentativa de voltar para casa. Em 29 de março, o governo central ordenou a abertura de campos de quarentena para esses migrantes. No entanto, ainda não se sabe se esses campos impedirão a propagação da epidemia.

Uma epidemia não é da competência do setor de gestão de desastres, embora, em termos de escala e sofrimento, deva. Um artigo publicado no Economic and Political Weekly por T Jacob John analisou a história das epidemias na Índia e concluiu que o governo estaria mais bem preparado para lidar com as epidemias se tivesse um departamento de saúde pública, modelado como os departamentos do Sri Lanka ou Tailândia. Em vez disso, a abordagem do governo indiano às epidemias tem sido bastante ad hoc, reunindo recursos e centros, apenas para desmantelá-los quando o perigo passar.

FONTE: <https://www.epw.in/engage/article/what-covid-19-teaches-india-about-disaster>



Profissionais de saúde enfrentam duas batalhas: combate à pandemia e desinformação



A médica socorrista Karina Oliani está na linha de frente no hospital de campanha do Anhembi. Foto: Acervo Pessoal

Profissionais de saúde que atuam na linha de frente no combate ao coronavírus destacam que, neste momento, o mundo enfrenta não só a pandemia da COVID-19, mas também uma batalha contra a desinformação viral e global nas mídias sociais que ameaça vidas em todo o mundo.

As informações propagadas em redes sociais, sem embasamento científico, tornaram sua rotina mais dura: além de arcarem com a carga física, psíquica e emocional, seu trabalho vem sendo ameaçado e atrapalhado por familiares ou pacientes que consomem, acreditam e compartilham conteúdos equivocados.

Segundo uma pesquisa realizada pelas empresas MindMiners e Avaaz, 70% dos brasileiros buscam informações sobre o novo coronavírus uma ou mais vezes por dia e, apenas 40% consideram redes sociais pouco confiáveis.

Impactos da Infodemia

Alguns dos impactos causados pela infodemia de notícias falsas no dia a dia dos profissionais de saúde envolvem questionamentos sobre potenciais terapias, boatos como os que escovar os dentes com bicarbonato ou tomar desinfetante combatem o coronavírus, conflitos com pacientes que gostariam de ter recebido a medicação na qual acreditam porque leram na Internet, desconfiança entre médico e famílias que cobram procedimentos divulgados nas mídias sociais como bem-sucedidos e até ameaças de familiares de obrigar o médico a prestar contas, caso algo aconteça com o paciente.

“A desinformação é um desserviço da sociedade. Nós, da área da saúde, estamos lidando com circunstâncias extremas na linha de frente de hospitais de campanha como se tivéssemos em meio a uma guerra, cuidando de inúmeros doentes em situações

delicadas”, afirma Karina Oliani, médica socorrista que está na linha de frente no hospital de campanha do Anhembi, em São Paulo. Ela também é fundadora da Associação Brasileira de Medicina de Áreas Remotas e Esportes de Aventura, e Presidente do Instituto Dharma.

“Essa alta gama de informações não verificadas que vem inundando as mídias sociais, faz com que familiares e pacientes opinem nos processos de tratamento como se fossem os próprios especialistas, muitas vezes exigindo uma prescrição ou um procedimento específico que não são indicados e nem benéficos em determinadas situações.”

“Não trabalhamos com achismos e isso atrapalha o nosso dia a dia porque gastamos uma energia e um tempo que não temos com esse conflito com familiares. Estamos cumprindo o nosso juramento de fazer o bem aos seres humanos com responsabilidade e evidências científicas e também o nosso papel de orientar os pacientes com o nosso conhecimento e especialidade.”

Outro relato é o de Bruna Silveira, que apoia comunidades periféricas no combate à pandemia e fala em tristeza e desespero por conta das informações falsas disseminadas nas mídias sociais. “A desinformação me preocupa porque já são mais de 100 mil mortes notificadas no Brasil. Sinto tristeza porque vejo tudo isso como uma completa desconexão com a própria vida e com a vida de outras pessoas e porque percebo que o consumo de notícias está se tornando maior e mais importante do que o cuidado com o coletivo.”



Bruna Silveira apoia comunidades periféricas no combate à pandemia e fala em tristeza e desespero por conta das informações falsas disseminadas nas mídias sociais. Foto: Acervo Pessoal

“Me desespero ao pensar que, sem as medidas de isolamento e de controle, ficamos cada vez mais longe de sair dessa situação. Faço aqui um apelo: pensem antes de compartilhar notícias sem identificar a veracidade delas”, ressalta a médica e terapeuta de medicina

tradicional chinesa e coordenadora do projeto Agentes Populares de Saúde da UneAfro Brasil.

Verificado – Projeto ONU

Diante dessa desinformação e com o propósito de ajudar a salvar vidas nesta pandemia que assola o mundo, a Organização das Nações Unidas lançou o projeto Verificado, iniciativa com o objetivo de inundar os canais de comunicação com informações verificadas, com mensagens relacionadas à ciência, solidariedade e soluções.

O Verificado traz uma galeria com conteúdos verdadeiros, confiáveis, urgentes e claros, baseados em fatos e destacando histórias com o melhor da humanidade. As informações compartilhadas são transmitidas pelas Nações Unidas, pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e por agências da ONU.

“Traduzimos para os idiomas locais as informações que recebemos da Organização Mundial da Saúde, confiantes de que faremos a diferença na vida das pessoas. A internet é uma influência poderosa, assim como a televisão. Quando existem fontes de informação fortemente conflitantes, em que uma pessoa deve acreditar e como alguém pode chegar a uma conclusão firme? Acredito ser reconfortante para o mundo que as Nações Unidas permaneçam uma fonte de informações independente e confiável por meio da campanha Verificado, do Departamento de Comunicações Globais. Eu acho que o mundo depende de nós para entender a dor de todos, explicar honestamente o problema e oferecer soluções viáveis”, diz Kimberly Mann, diretora do Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil.

No artigo Desinformação: uma arma secreta em tempos de pandemia, a UNESCO recomenda que as pessoas promovam hábitos que protejam o fluxo responsável de dados no mundo digital. “Prestem atenção ao conteúdo que recebem e replicam de seus celulares, na forma de áudios, textos ou notícias aparentemente jornalísticas. Mantenham a calma diante do bombardeio de informações e sejam cautelosos, compartilhando apenas conteúdos verificados por fontes confiáveis de informação. E, acima de tudo, promovam essa conscientização.”

FONTE: <https://pt.unesco.org/news/desinformacao-uma-arma-secreta-em-tempos-pandemia>



Experiência operacional de usinas nucleares do sistema internacional de relatórios IAEA / NEA para experiência operacional 2015-2017

No período 2015-2017, os estados membros enviaram 246 relatórios de eventos ao Sistema Internacional de Relatórios de Experiência Operacional (IRS), que é operado conjuntamente pela Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA) e a Agência de Energia Nuclear (NEA). Este relatório fornece uma visão geral das categorias comuns identificadas com lições importantes e informações de interesse para a comunidade nuclear em geral, agrupadas de acordo com os eventos relatados. As lições aprendidas delineadas neste relatório foram divididas em três categorias principais: desempenho humano, problemas de equipamento e gerenciamento e supervisão (pp. 19-51).

Este relatório conclui que, ao desenvolver o programa de feedback de experiência operacional e a rede para sua implementação, é importante ter em mente a ideia principal por trás do programa: escrever relatórios e coletar dados é significativo apenas quando há um link direto para a redução de risco e o aumento da segurança operacional. Os relatórios de eventos precisam, portanto, ser acoplados a programas que transformem as lições aprendidas em medidas de redução de riscos, como melhorias no design, treinamento de operadores, procedimentos operacionais e cultura de segurança aprimorada.

FONTE: <http://www.oecd-nea.org/nsd/pubs/2020/7482-npp-operating-experience.pdf>



Manual de operações para comunicação de incidente e emergência

O objetivo geral do manual de Comunicação de Incidente e Emergência (IEComm) é melhorar a troca internacional de informações em emergências nucleares ou radiológicas entre o Secretariado da Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA), os Estados Membros da IAEA, as Partes da Convenção de Notificação Antecipada e da Convenção de Assistência, organizações internacionais relevantes e outros Estados por:

- fornecer as informações necessárias aos Estados e organizações internacionais relevantes para o desenvolvimento de arranjos operacionais de interação entre si e com o Secretariado da IAEA;
- definir disposições operacionais claras para o intercâmbio internacional de informações em incidentes ou emergências nucleares ou radiológicas.

FONTE: https://www-pub.iaea.org/MTCD/Publications/PDF/EPR_IEComm%202019%20web.pdf



Programas de comunicação de risco após o acidente nuclear de Fukushima: uma comparação de culturas epistêmicas

Série de documentos de trabalho do Programa de Comunicação Global de Fukushima número 13, dezembro de 2015

Este artigo explora as organizações de medição de radiação do cidadão como um exemplo de comunicação de risco e compara sua 'cultura epistêmica' com a dos programas de comunicação de risco da indústria nuclear.

Duas recomendações de política são feitas no artigo.

- Primeiro, a comunicação de risco precisa ser firmemente dissociada das relações públicas.
- Em segundo lugar, o custo (incluindo a remuneração dos cidadãos por sua participação) de um diálogo aberto, participativo e sustentado sobre os riscos de radiação deve ser considerado em qualquer estimativa de custo da energia nuclear.

FONTE: <http://i.unu.edu/media/ias.unu.edu-en/news/12850/FGC-WP-13-FINAL.pdf>

THE CENTER FOR
CLIMATE AND
SECURITY

COUNCIL ON
STRATEGIC
RISKS



O relatório mundial de clima e segurança de 2020

O relatório inaugural do Clima e Segurança Mundial 2020 do Grupo de Peritos do Conselho Militar Internacional sobre Clima e Segurança (IMCCS) fornece avaliações globais e regionais dos riscos de segurança de um clima em mudança, bem como oportunidades para enfrentá-los. É o primeiro relatório desse tipo e tem como objetivo informar futuras políticas e análises de clima e segurança. Este relatório aborda um amplo espectro de riscos à segurança das mudanças climáticas, incluindo:

- Onde os riscos de segurança humana transbordam para riscos de segurança de ordem superior, como instabilidade política, conflito, grandes desastres naturais envolvendo respostas militares e humanitárias significativas, deslocamentos em massa de pessoas e ameaças a recursos e infraestruturas críticas
- Impactos geopolíticos das mudanças climáticas, incluindo tensões e conflitos regionais e interestaduais

- Impactos das mudanças climáticas nas forças armadas e defesa, incluindo infraestrutura militar, prontidão da força, operações militares e estratégia militar

FONTE: https://imccs.org/wp-content/uploads/2020/02/World-Climate-Security-Report-2020_2_13.pdf

THE CENTER FOR
CLIMATE AND
SECURITY

COUNCIL ON
STRATEGIC
RISKS



Clima e segurança no Indo-Pacífico Asiático

Este relatório apresenta uma visão geral das ameaças à segurança relacionadas às mudanças climáticas na região Indo-Ásia do Pacífico. Ele fornece ideias sobre como o maior envolvimento da comunidade de segurança, junto com o desenvolvimento e os atores diplomáticos, pode ajudar a minimizar e gerenciar essas ameaças. O relatório também ilustra como a incorporação das mudanças climáticas na política e no planejamento de segurança e defesa, incorporando as questões de segurança climática na política e planejamento de desenvolvimento e envolvendo os profissionais de segurança que trabalham nesta região, pode apoiar a estabilidade regional em um mundo em mudança. Finalmente, o relatório defende a segurança de grandes investimentos civis na adaptação e mitigação das mudanças climáticas.

O relatório articula seis pontos principais:

1. Enfrentar as causas profundas das mudanças climáticas deve ser uma prioridade de segurança para a região.
2. A mudança climática deve ocupar posição de destaque na agenda de segurança regional.
3. As mudanças climáticas estão piorando as tensões de segurança subjacentes na região.
4. Muitas dinâmicas de segurança na região são altamente sensíveis às mudanças climáticas.
5. Desafios previsíveis de segurança relacionados às mudanças climáticas são a base de uma responsabilidade regional de preparar e prevenir.
6. Uma melhor coordenação entre as comunidades de segurança é crítica para combater as ameaças à segurança relacionadas ao clima.

FONTE: https://imccs.org/wp-content/uploads/2020/07/Climate-Security-Indo-Asia-Pacific_2020_7.pdf



Conselho Militar Internacional sobre Clima e Segurança anunciado em Haia

Por Caitlin Werrell e Francesco Femia

Na Conferência de Segurança Planetária, uma reunião de centenas de especialistas e profissionais em segurança e política externa, o Centro para o Clima e Segurança (CCS) e seus parceiros o Instituto Holandês de Relações Internacionais (Clingendael) / a Iniciativa de Segurança Planetária, o Instituto Francês de Assuntos Internacionais e Estratégicos (IRIS) e o Centro de Estudos Estratégicos de Haia (HCSS) anunciaram a criação de um novo Conselho Militar Internacional sobre Clima e Segurança ou IMCCS. O IMCCS será uma rede guarda-chuva "permanente" de líderes militares seniores de todo o mundo que se reunirá regularmente, produzirá um Relatório de Clima e Segurança Mundial anual e conduzirá comunicações e políticas de apoio às ações sobre as implicações de segurança de um clima em mudança - a nível nacional, regional e internacional. À medida que se expande, o IMCCS dará as boas-vindas a novos membros e afiliados institucionais de todo o mundo. O Centro para o Clima e Segurança, um instituto de políticas do Conselho de Riscos Estratégicos com uma equipe e conselho consultivo de militares e especialistas em segurança, servirá como Secretariado do IMCCS.

Citações da liderança IMCCS:

“A mudança climática é um multiplicador de ameaças, tornando piores as ameaças existentes à segurança, e isso significa que os militares estarão na linha de frente do combate aos riscos climáticos e construção de resiliência. Muitos dos líderes militares mundiais reconhecem que a mudança climática é uma preocupação central de segurança, não apenas uma questão ambiental, e uma consideração estratégica fundamental de nosso tempo. Esta rede trará vozes militares para a segurança internacional e discussão climática de uma forma significativa, e avançará ações proporcionais à ameaça. ” - Honorável Sherri Goodman, Secretária-Geral do IMCCS, Estrategista Sênior no Centro para o Clima e Segurança e ex-Subsecretário Adjunto de Defesa dos EUA

“A mudança climática alimenta as raízes do conflito em todo o mundo e representa uma ameaça direta às populações e instalações em áreas costeiras e pequenas ilhas. Portanto, deve ser levado muito a sério como uma questão de segurança importante que precisa ser tratada. Os militares podem e devem ser parte da solução ao lidar com as mudanças climáticas. O IMCCS pode ajudar a criar sinergia na comunidade militar internacional por meio do intercâmbio de melhores práticas, coordenação de esforços e cooperação em novas iniciativas. ” - General Tom Middendorp, Presidente do IMCCS e ex-Chefe da Defesa da Holanda

“É apropriado que aqui em Haia, em uma reunião de segurança planetária, uma iniciativa militar internacional sobre segurança climática dê seu primeiro passo. Há menos de 20

anos, o renomado cientista atmosférico holandês e Prêmio Nobel Paul Crutzen cunhou o “Antropoceno”, uma ideia que aponta tanto para a causa quanto para a solução do desafio diante de nós. É hora de uma nova época no pensamento estratégico e no planejamento de defesa que mobiliza e implanta nossos enormes recursos coletivos em direção a um “Antropoceno Inteligente de Segurança” - Capitão Steve Brock, USN (Ret), Chefe de Gabinete do Secretário-Geral e Diretor Executivo, IMCCS ; Conselheiro Sênior do Centro de Clima e Segurança e do Conselho de Riscos Estratégicos

“Na Europa, alguns países começaram a integrar as mudanças climáticas nas estratégias e operações militares, mas a maioria está ficando para trás. Ao mesmo tempo, a insegurança relacionada com o clima, a água, a energia e a alimentação estão a aumentar na vizinhança da Europa, o que deve ser incluído na análise de risco, na previsão, nos preparativos para as missões e durante as operações militares. As metas climáticas europeias também exigem que os militares aumentem sua contribuição para reduzir a pegada de carbono, o que é uma bênção, pois contribui para uma melhor posição geopolítica de segurança energética, reduz os custos de energia das operações e reduz os riscos associados à garantia de linhas de fornecimento de energia. ” - Louise van Schaik, membro sênior do Comitê Executivo IMCCS e chefe do Centro de Sustentabilidade Internacional Clingendael

“A integração gradual das mudanças climáticas no campo da defesa e segurança responde à necessidade urgente e perpétua de entender o ambiente estratégico com precisão. Avaliar novos riscos e ameaças, antecipar a evolução das missões das forças armadas, adaptar nossas doutrinas, capacidades e pegada de carbono; O IMCCS dará uma contribuição valiosa para esses debates. ” - Bastien Alex, membro sênior do Comitê Executivo do IMCCS e chefe do Programa de Clima, Energia e Segurança do Instituto Francês para Assuntos Estratégicos e Internacionais

“Há uma necessidade de uma melhor conscientização e compreensão das ameaças e capacidades estratégicas necessárias para a segurança climática. A interação entre as partes interessadas deve ser apoiada e a coordenação é necessária. ” - Michel Rademaker, Membro Sênior do Comitê Executivo IMCCS e Diretor Adjunto do Centro de Estudos Estratégicos de Haia

Por quê: na última década, um número crescente de militares e comunidades de segurança nacional tornaram-se cada vez mais preocupados com a mudança do clima - incluindo os riscos reais que isso representa para a estabilidade global, o conflito e suas próprias missões militares - e começaram a se organizar dentro de seus respectivos países. O IMCCS canalizará essa energia para uma instituição internacional dedicada a abordar as preocupações muito reais e urgentes que os militares têm sobre a mudança do clima.

O que há de novo: o IMCCS representará uma grande ampliação do clima internacional e da comunidade militar. Construindo a partir dos sucessos de redes de clima e segurança,

como o Grupo Consultivo de Clima e Segurança, o Conselho Consultivo Militar CNA, o Conselho Consultivo Militar Global sobre Mudanças Climáticas, a Iniciativa de Segurança Planetária, o Conselho Consultivo CCS e o Grupo de Trabalho de Segurança e Clima-Internacional, o IMCCS representará a maior, mais diversa e mais ativa rede militar internacional sobre mudança climática.

Como: As funções principais do IMCCS serão três:

- Análise e desenvolvimento de políticas: O IMCCS publicará relatórios anuais sobre as implicações das mudanças climáticas na segurança global, incluindo suas implicações para os militares. Isso incluirá um Relatório Mundial de Clima e Segurança anual
- Comunicações: os membros do IMCCS se comunicarão durante e após os principais eventos globais, incluindo reuniões de importantes instituições de segurança regionais e internacionais.
- Coordenação: O IMCCS coordenará e sobrecarregará as redes climáticas e de segurança existentes para ajudar a maximizar a eficácia e o alcance da comunidade militar do clima.

Quando: O IMCCS realizará um evento formal de lançamento em 2019 (data a ser confirmada).

FONTE:<https://climateandsecurity.org/2019/02/release-international-military-council-on-climate-and-security-announced-at-the-hague/>

FONTE:https://climateandsecurity.org/wp-content/uploads/2019/09/a-climate-security-plan-for-america_2019_9_24-1.pdf



Australian Government
Geoscience Australia



Análise de benefício versus custo e estratégias de mitigação de ótimo custo-benefício

Este relatório apresenta uma avaliação da relação custo-benefício das estratégias de mitigação de enchentes para edifícios residenciais em Launceston, Tasmânia, por meio de uma análise de benefício versus custo. A análise de benefício versus custo requer a avaliação da perda pré e pós-mitigação para uma gama de probabilidades de inundação com a diferença sendo o benefício. Os custos da mitigação aplicada são então comparados aos benefícios com uma relação benefício versus custo maior que 1,0, indicando uma decisão economicamente viável.

Na pesquisa apresentada aqui, as opções de mitigação foram tipicamente avaliadas como eficazes em termos de custos ao considerar os danos aos edifícios residenciais com a

provável extensão máxima de inundação. Uma suposição de modelagem importante foi assumir que o sistema de dique existente que fornece um nível de proteção contra enchentes para Launceston não estava em vigor (ou seja, a cidade estava desprotegida). Os resultados aqui também são apenas para uma bacia hidrográfica e seu comportamento e também para o estoque de construção em Launceston. O uso de barreiras temporárias contra enchentes ao redor da área com maior risco de enchentes foi a medida mais econômica.

FONTE: https://www.preventionweb.net/publications/view/73176?&a=email&utm_source=pw_email

nature research

Incêndios florestais: Austrália precisa de uma agência nacional de monitoramento

Este artigo convida pesquisadores e formuladores de políticas a construir uma agência nacional de monitoramento de incêndios florestais para a Austrália. Isso é essencial para fornecer as informações coerentes necessárias para uma gestão e mitigação econômica e baseada em evidências. Somente assim, sublinham os autores, a resiliência da Austrália às mudanças climáticas pode ser fortalecida.

Nesse contexto, os autores fazem as seguintes recomendações (p.4):

1. Os bombeiros, criminologistas, cientistas sociais e agências estaduais de bombeiros devem trabalhar juntos para entender completamente a importância relativa dos raios, mudanças climáticas e incêndios criminosos, entre outros fatores naturais e humanos, na causa dos incêndios florestais.
2. O mapeamento de incêndio confiável deve ser baseado na combinação de dados de sensoriamento remoto de satélites de resolução média e grossa, aeronaves e drones com validação de campo.
3. O governo nacional deve investir na federação de conjuntos de dados regionais existentes de comunidades ecológicas e no mapeamento e pesquisas de campo para preencher lacunas geográficas.
4. Fatores que ajudam a determinar a quantidade e diversidade química das emissões como resultado da combustão de diferentes tipos de combustível e vegetação devem ser estabelecidos para uma gama mais ampla de ecossistemas australianos.
5. Epidemiologistas da qualidade do ar já convocaram um comitê nacional independente de especialistas para desenvolver meios práticos, consistentes em nível nacional e baseados em evidências para proteger o público da fumaça do incêndio florestal, incluindo medições de poluição do ar.

6. É necessário um banco de dados nacional consistente de gastos com gestão de incêndios, juntamente com um mapeamento preciso dos padrões de incêndio e tipos de vegetação.

FONTE: <https://media.nature.com/original/magazine-assets/d41586-020-02306-4/d41586-020-02306-4.pdf>

EVENTOS



Nota de conceito - Dia Internacional para a Redução do Risco de Desastres 2020

A Assembleia Geral das Nações Unidas designou 13 de outubro como o Dia Internacional para a Redução do Risco de Desastres para promover uma cultura global de redução do risco de desastres. É uma oportunidade de reconhecer o progresso que está sendo feito em direção à redução do risco de desastres e perdas de vidas, meios de subsistência e saúde, de acordo com a Estrutura Sendai para Redução do Risco de Desastres 2015-2030 adotada na Terceira Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Redução do Risco de Desastres no Japão em março 2015. A Estrutura Sendai tem sete metas estratégicas e 38 indicadores para medir o progresso na redução do risco de desastres e perdas. Esses indicadores alinham a implementação da Estrutura de Sendai com a implementação dos ODS e do Acordo de Paris sobre mudanças climáticas.

FONTE: https://www.preventionweb.net/publications/view/73197?&a=email&utm_source=pw_email

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>